

NOVEMBRO, 2017

DOSSIÊ ESPECIAL-CESMG

Racismo e saúde

O racismo nosso de cada dia, seus efeitos na saúde da população negra e as alternativas oferecidas pelo Poder Público.



Acesse nosso no Facebook e site :

Site://ces.saude.mg.gov.br

email: ces@saude.mg.gov.br

Facebook:/ <https://goo.gl/U1X7P>

Quem somos nós?

Somos 54% da população brasileira. Somos quem, sem nenhuma opção de escolha, veio para trabalhar para a construção do que seria o nosso país. Deixamos nossa marca na cultura, na construção e na história -embora tentem apagar- do nosso país. O povo negro resistiu ao açoite, ao chicote, a dor. Resistência. É a palavra que nos acompanha.

Por outro lado, nosso povo nunca deixou de acreditar, de sonhar com a liberdade - ok, nos dias atuais, onde um jovem negro morre a cada 23 minutos, onde o índice de mulheres negras dobrou em 10 anos – de lutar e principalmente, de ACREDITAR.



Mas, o racismo afeta a saúde da população negra?

Sim, afeta. Quando estatísticas mostram que mulheres e homens negros são mais vulneráveis a violência do que brancos, isso é constatado. Não se trata apenas da violência física, é necessário também questionarmos a violência psicológica, o assédio. São fatores cotidianos, mas que fazem toda a diferença na construção de estigmas que negros e negras brasileiros carregam ao longo da vida. Estigmas dos quais estão marcados em altos índices de doenças como pressão alta e depressão quando comparadas com a população branca.



Pesquisas apontam :

- Um estudo norte-americano também foi realizado no Brasil por pesquisadores da UNICAMP, entre 1990 e 2010 apontou que o índice de hipertensão em negros é maior que em brancos. É Necessário considerar que apesar de serem apontadas as diferenças genéticas , os fatores socioeconômicos não deixam de ser decisivos na contribuição dessas doenças.

<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/07/13/hipertensao-e-mais-persistente-entre-negros-aponta-estudo>



- Um estudo realizado na Holanda diagnosticou que uma pessoa vítima de racismo é duas vezes mais propensa a desenvolver sintomas psicóticos nos três anos seguintes.

<https://exame.abril.com.br/ciencia/como-o-racismo-afeta-a-saude-dos-negros-segundo-a-ciencia/>



O que têm sido feito?

Em 2009, o Ministério da Saúde criou a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) com o intuito de garantir equidade e efetividade no acesso à saúde para negras e negros. Além do reconhecimento da dívida histórica com a população afrodescendente, promover a inclusão e a cidadania é também uma das prioridades dessa política, dando um importante passo de igualdade. Conheça a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_integral_populacao.pdf

Portaria nº 992 (13 /05/2009)

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html





2015-2024
DÉCADA INTERNACIONAL DE

AFRODESCENDENTES

Você conhece a Década Internacional dos Afrosdescendentes?

Trata-se de um período proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 2015 e 2024 com uma série de intenções cujo principal é promover direitos humanos a partir do seguinte tema “reconhecimento, justiça e desenvolvimento”.

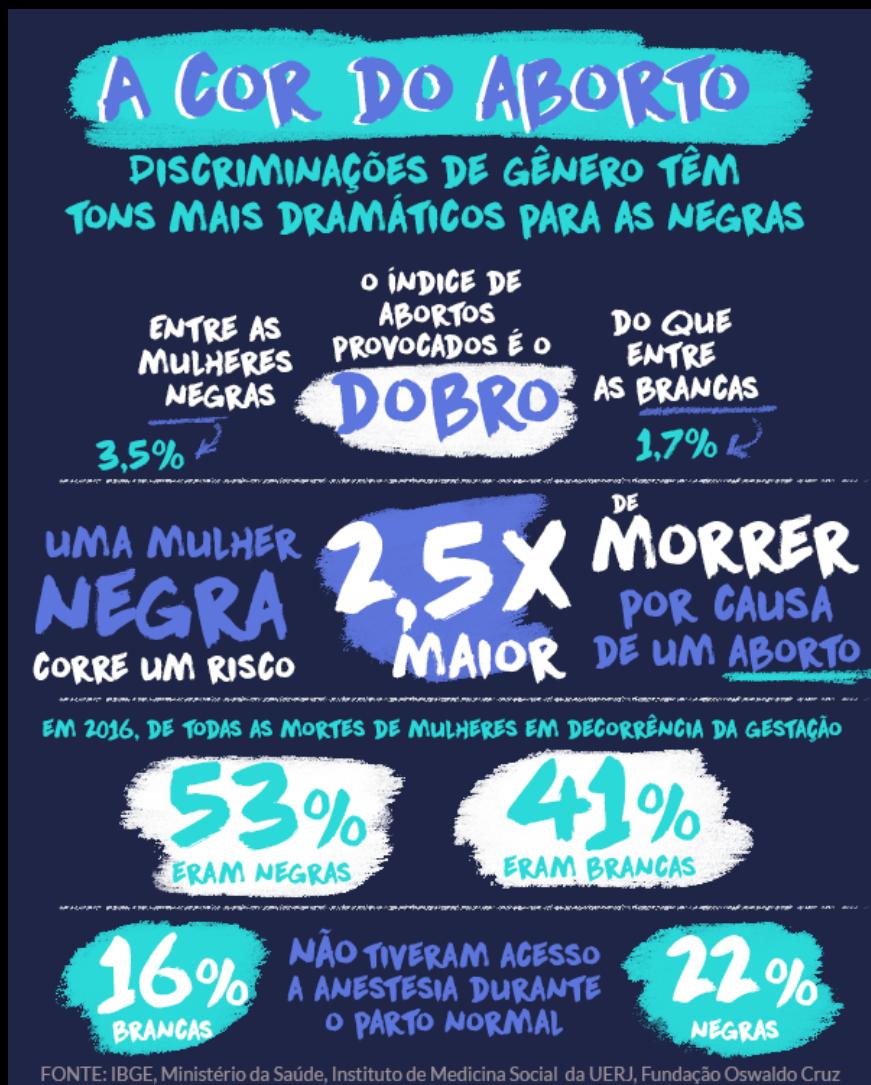
Saiba mais em <http://decada-afro-onu.org/index.shtml>.

E em Minas, o que tem sido feito?



Foto : Marcos Ferreira - SES-MG

No dia 24 de agosto, a SES- MG realizou a Primeira Plenária Primeira Plenária Estadual do Comitê Técnico de Saúde Integral da População Negra, com a pretensão de eleger cidadãs e cidadãos para constituir o Comitê Técnico de Saúde Integral da População Negra do Estado de Minas Gerais. A iniciativa, realizada de forma conjunta com a Secretaria de Estado e Direitos Humanos (SEDEPAC-MG) e a Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho (SEDESE-MG), trouxe não só a discussão na saúde, mas destacou também fatores sociais que são afetados pelo racismo, como um triste dado do Ministério da Saúde que apontou que, 60% das mortes de mães que deram a luz nos hospitais do SUS ocorreram entre as mulheres negras e 14% entre as brancas, além disso, a mortalidade das crianças negras na primeira semana de vida representa 47% do total dos casos, contra 36% das crianças brancas.



“Escutamos a todo o momento que não é preciso pensar em políticas específicas para a população negra, uma vez que o SUS é igual para todas e todos. No entanto também é preciso pensar em equidade. Ou seja, que tenha mais quem precise mais. Diante dos dados apresentados pelo Ministério da Saúde, que apontam que as mulheres brancas tomam mais anestesia na hora do parto que as mulheres negras, precisamos discutir o porquê dessa decisão por parte do médico, se o SUS é igual para todas”.

Maria Zenó da Silva, ativista e coordenadora da Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas).



Veja como foi em <http://www.saude.mg.gov.br/component/gmg/story/9989-ses-mg-promoveu-roda-de-conversa-sobre-saude-da-mulher-negra>